

Simplem assim!

#INSTIGAR:

sempre um texto autoral nosso, um convite provocativo à reflexão

Diz-se que Leonardo da Vinci costumava afirmar que “a simplicidade é o último grau da sofisticação”. E o anseio pela simplicidade é algo cada vez mais percebido na sociedade atual. Diante de um mundo cada vez mais complicado – olá, mundo BANI –, as pessoas têm desejado cada vez mais se “desafogar” dos excessos, ter relacionamentos mais diretos e retos (ou, como dizem os jovens, “de baixa manutenção”), desentulhar suas casas, evitar o barulho, as notificações, os grupos de Whatsapp, a complexidade e a cacofonia do dia a dia. **Essa simplicidade é necessária para lidar com o – já complexo o suficiente – caminho da vida e, felizmente, parece que essa percepção está sendo (re)descoberta e tem se espalhado pelo mundo.**

A simplicidade tem se tornado central em uma ideia cada vez mais universal de felicidade. **E a jornada da complexidade à simplicidade tem se tornado uma verdadeira aspiração.** Nessa vida moderna em que nosso tempo é tão infinitamente barulhento, ocupado e abundante em estímulos, estamos cada vez mais expostos a vários serviços, produtos e distrações, disponíveis a qualquer momento, a uma tela e um clique de distância. **Estamos nos afogando em opções, cercados por informações demais, visões antagônicas demais, vidas demais, encenações demais** – basta uma rolada no feed para já questionar seu trabalho, sua família, seu psicológico, sua carreira e sua própria felicidade, além de encontrar um curso que pode resolver tudo, por apenas R\$97, mas só hoje!

Então, como podemos construir uma vida mais simples? E como podemos alcançar a simplicidade dentro de nós mesmos?

Talvez possamos, como Leonardo da Vinci, aprender com a arte e os artistas.

É notável como os fundamentos do desenho compõem um sistema que busca, através do estudo e análise das coisas, extrair simplicidade da complexidade.

Tudo começa com o estudo da forma e estrutura dos objetos, que pode ir de uma simples caixa até o corpo humano, este que talvez seja o objeto mais complexo de se desenhar (já tentou desenhar uma mão? Nem a IA consegue fazer direito!).

Nessa etapa, chamada de rascunho, se aprende que tudo na natureza pode ser simplificado a formas geométricas básicas, sejam bi ou tridimensionais. Então se descobre que todo movimento, toda perspectiva, toda composição podem ser simplificadas em linhas apenas, sejam retas ou sinuosas; que a simetria é importante, mas enganosa, uma perfeita obsessão humana, artificial; **que os planos que compõem os objetos e as formas interagem com a luz, com os valores, com as cores, e nada disso é possível de se perceber sem, antes, decompor a imagem nas formas mais simples possíveis: traços, círculos, quadrados, triângulos...** que, interagindo entre si, formam a (forma) base de objetos muito mais complexos e realistas, de tudo o que há de natural ou não.

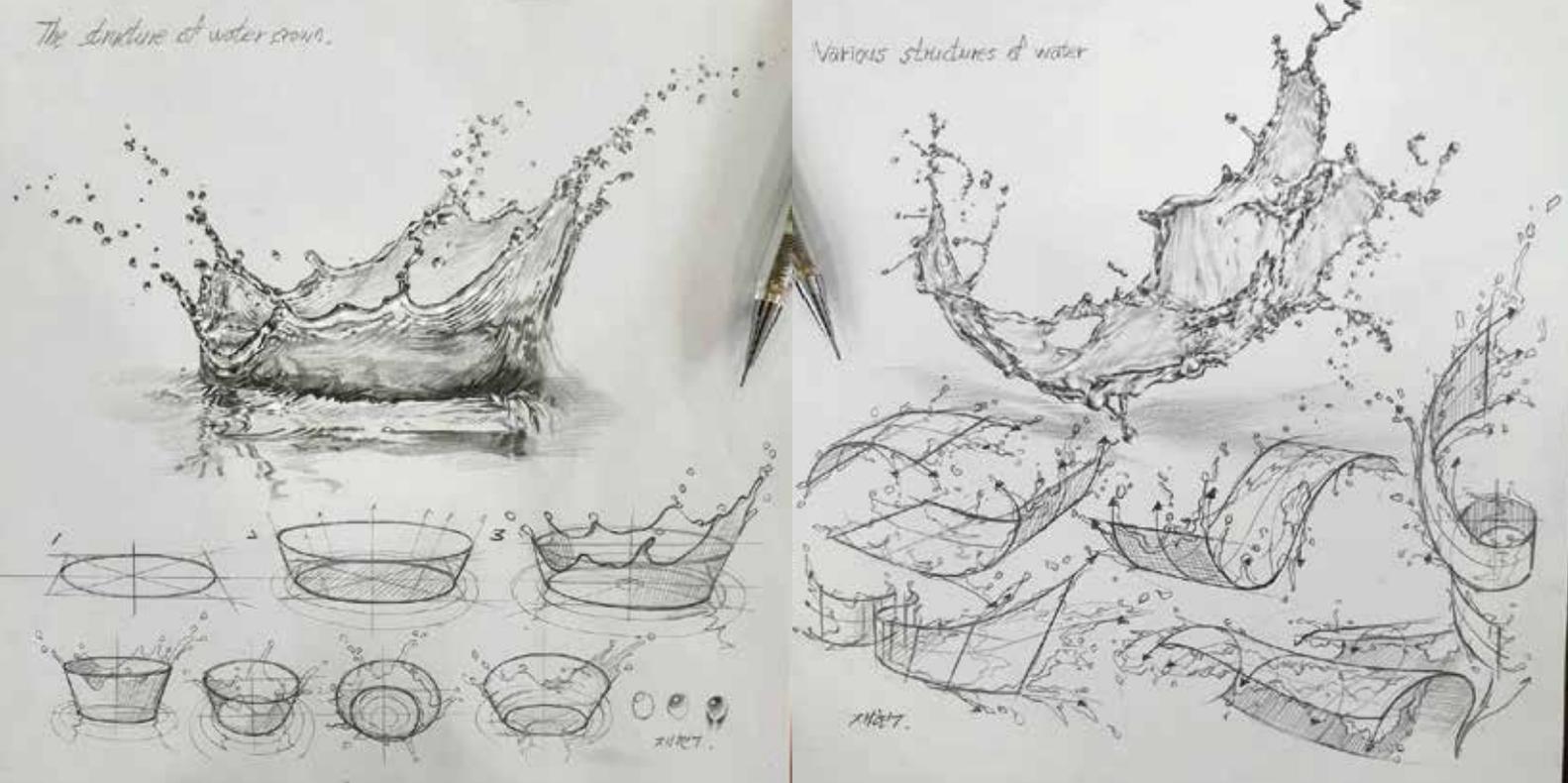
Uma dica pra quem ainda não percebeu: esse é o princípio por trás da identidade visual do Pequilab!

Tudo na vida pode ser reduzido a formas geométricas básicas. Se um artista consegue desenhar essas mesmas formas básicas em perspectiva – vê como perspectiva é importante? (e nem estamos falando só de desenho) – então ele consegue reconstruir e retratar qualquer objeto. Para desenhar uma forma é preciso entender sua dimensionalidade; é preciso observar e entender mesmo as partes que você **não consegue** ver, para conseguir desenhar, com precisão, aquilo que você **consegue ver**. Se isso não faz tanto sentido ainda, pense o seguinte: **sempre que você observa um objeto tridimensional, você nunca consegue enxergá-lo completamente; sempre há partes que estão escondidas do seu “ponto de vista”.** Para enxergar o todo, é preciso girar o objeto ou se mover ao redor dele; e, então, outras partes saem do seu campo de visão.

Essa é ou não é uma boa síntese do que são problemas complexos?

Então, ao desenhar algo, um artista precisa conectar as partes que consegue ver e as que não consegue para criar (a ilusão de) dimensionalidade. **O que só é possível através do estudo e análise das formas.**





Esses fundamentos do desenho formam o que pode ser chamado de um **“Sistema Simpleso”**: um sistema ou método de pensamentos, competências, ações e habilidades que busca extrair da complexidade, do que parece caótico, ou **“too much”**, a simplicidade, a essência, um processo. Camada por camada, um artista desconstrói uma imagem, para construí-la de volta no papel, em duas dimensões. É quase um processo de engenharia reversa: você desmonta, para descobrir como se monta desde o começo.

Mas esse é só um, dos vários sistemas do tipo que existem; e dos que podem, até mesmo, ainda vir a existir. Muitos se apoiam em representações tão visuais quanto: são canvas, diagramas, mapas mentais. Outros, são sistemas dialógicos pensados para potencializar a nossa capacidade de expressar nossos pensamentos, ideias, opiniões e sentimentos. Tudo isso com apenas um foco: simplificar o problema para encontrar a solução.

Um sistema conhecido para quem trabalha com Design Thinking é o método dos 6 chapéus de Bono. Cada chapéu, representado por uma cor, é uma abordagem de pensamento diferente que pode ser usada sozinha ou em conjunto com as outras, para explorar o problema em sua complexidade. São eles:



Reunir informação.



Explorar e gerar ideias sem julgamento de valor.



Analisar as forças e benefícios de cada alternativa.



Analisar as fraquezas e perigos das alternativas.



Ter uma visão geral do progresso e analisar o processo na totalidade.



Expressar vieses intuitivos e emocionais.

Como é preciso pensar, para onde preciso olhar, o que preciso ouvir para encontrar a solução? O que é só ruído e distração, e o que de fato é essencial, o X da questão?

O que o desenho nos ensina, é que é preciso explorar para entender. Acreditar que é possível “desenhar de olho” ou “de cabeça” é só falácia (ou talvez seja possível para alguém muito, muito experiente). Mas, para o resto, é preciso rabiscar; é preciso traçar linhas guia, desenhar a estrutura, o movimento, o eixo, a posição, a perspectiva do objeto. Linhas que serão apagadas ou encobertas no final. Linhas que muitos não verão ou conhecerão.

Porque simplicidade não é resultado; é processo. É um modelo de pensamento.

Algumas pessoas já têm esse... – **podemos chamar de Drive?** – instalado em suas cabeças. Seja porque já nasceram com um cérebro “diferente” ou porque, com a prática, incorporaram esses sistemas de pensamento às suas rotinas. Uma coisa é certa: de 15 a 20% da população do mundo é neurodivergente; são pessoas autistas, disléxicas, com TDAH ou outras condições que formam o que podemos encarar como neurodiversidade. **Algumas dessas pessoas podem ser capazes de ver soluções e padrões que outros não conseguem; podem ser supercriativos ou ter a coragem de abordar verdades difíceis que outros podem se sentir desconfortáveis em expressar.**

Mas, muitas vezes, **deixamos de valorizar o que pessoas assim podem agregar aos times e aos resultados, e deixamos de nos beneficiar com essa tal neurodiversidade**, porque valorizamos mais a capacidade que certas pessoas têm de “se encaixar” dentro de certos padrões de normalidade (seja pessoal ou interpessoal). **Muitos grupos e equipes não estão preparados – ou abertos – para o processo de adaptação e entendimento que é necessário ao se dar espaço e acolher o diferente.**

Os 10 mandamentos da Simplicidade, segundo John Maeda:

01 – Reduzir. A maneira mais simples de alcançar a simplicidade é por meio de uma redução ponderada.

02 – Organizar. A organização faz com que um sistema de muitos pareça de poucos.

03 – Tempo. Economia de tempo transmite simplicidade.

04 – Aprender. O conhecimento torna tudo mais simples.

05 – Diferenças. Simplicidade e complexidade necessitam uma da outra, parece estranho, mas é verdade. A diferença é a força motriz da inovação, da mudança.

06 – Contexto. O que reside na periferia da simplicidade é não-periférico. Fazer sentido depende do contexto.

07 – Emoção. Mais emoções é melhor que menos.

08 – Confiança. Como diria o Mestre Yoda, “Na simplicidade nós confiamos”.

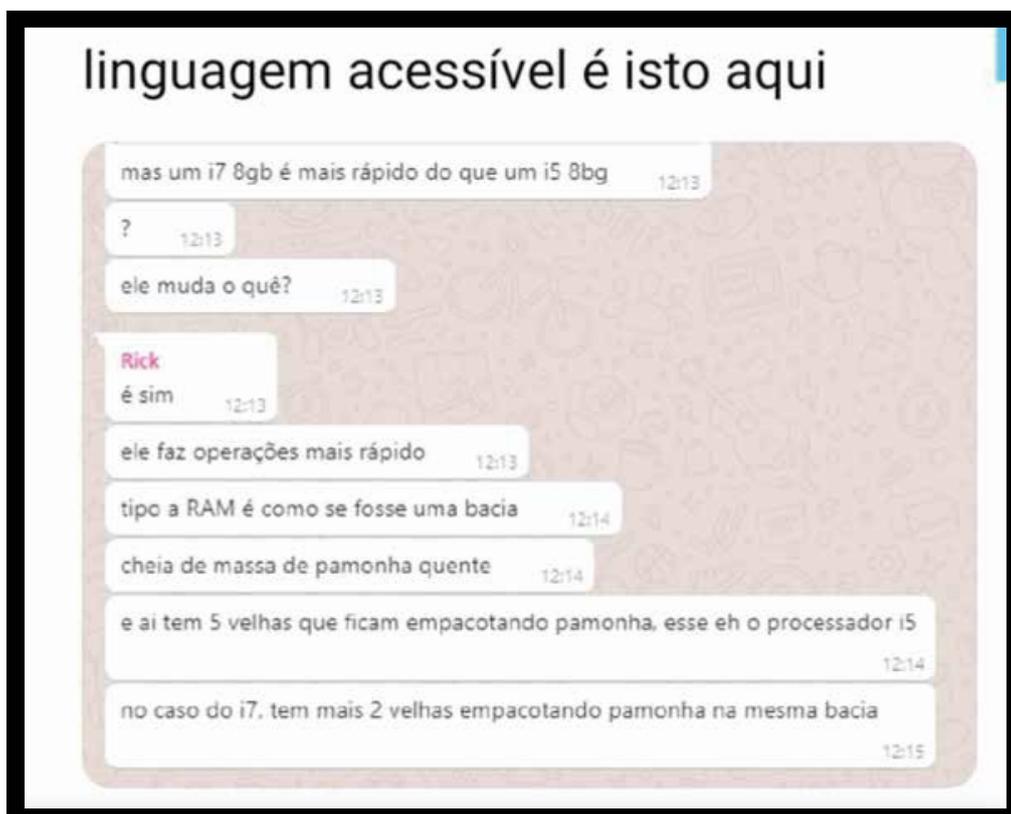
09 – Fracasso. Assim como em tudo na vida, falhar faz parte. Algumas coisas nunca podem ser feitas de modo simples.

10 – “The One”. A simplicidade consiste em subtrair o óbvio e acrescentar o significativo.

Outro grande desafio que envolve simplicidade é a comunicação simples, acessível e efetiva. Receber um conteúdo e conseguir decompô-lo, pedaço a pedaço, não só até o completo entendimento, mas a ponto de reconstruir o conteúdo na forma de uma nova mensagem, que conversa com o repertório da pessoa com quem se fala... **Isso é arte, é empatia, é análise e resolução de problemas na veia. Repetir o que lhe foi ensinado, como foi ensinado, é mera fotografia; mas ensinar outro do seu jeito, ou melhor, do jeito que o outro vá entender perfeitamente, adaptando a linguagem e as referências, é desenhar.**

Entendeu, ou quer que desenhe?

No fim, as perguntas que começam todo o processo são: **quão simples você consegue fazer algo? E quão complexo esse algo precisa ser?**



#IR ALÉM:

curadoria de conteúdo selecionado para você expandir seus horizontes

1

ARTIGO:

A incrível missão de extrair simplicidade da complexidade

A ideia central da expressão Simplexity é a de extrair da complexidade a sua essência, de uma forma positiva. E em grande medida, visando a solução de problemas. Conheça e explore mais desse conceito tão importante.

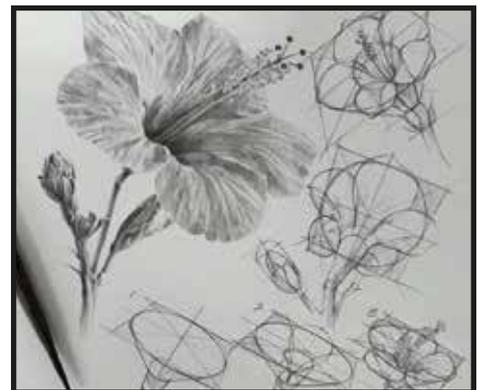


2

GALERIA:

Conheça uma série de estudos de desenho e estrutura de objetos

An Jae Hyun é um professor de desenho sul-coreano que cria incríveis estudos de estrutura não só como exercício, mas também para ensinar seus alunos o processo de construção de um desenho.

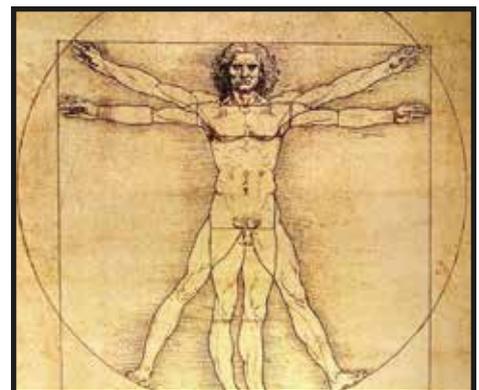


3

ARTIGO:

Simplexidade na administração

Na administração, as teorias de gestão tradicionais não dão conta de responder à crescente complexidade que vivemos. O grande desafio, portanto, é mudar nosso modelo mental. É preciso buscar novas respostas, tomar decisões ágeis e assertivas e encontrar a simplicidade.



4

VÍDEO:

Simplicidade como caminho Jorge Mello at TEDxPelourinho

Monge ordenado no Zen Budismo fala sobre como alcançar a simplicidade na nossa vida e nas nossas relações.



#PRA INSPIRAR:

aquela citação classuda para fazer pensar, curtir, gravar e compartilhar



A habilidade de simplificar significa eliminar o que não é necessário para que o que é necessário possa falar

• Hans Hofmann •

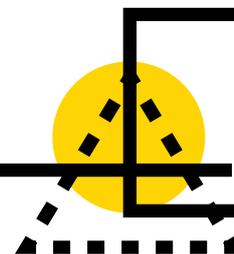


#PRA DESOPILAR:

uns respiros, uns risos, uns encantos...

SAGRAÇÃO

Ao falar de seu novo espetáculo, Débora Colker dá uma aula de simplicidade.



OLHAR COM O OLHAR DO CÉU
O Príncipe do Egito, 1998

PeQuiLAB

Escola de Governo | SEAD
Laboratório de Inovação e Desenvolvimento de Pessoas
Telefone: (62) 3201-4525